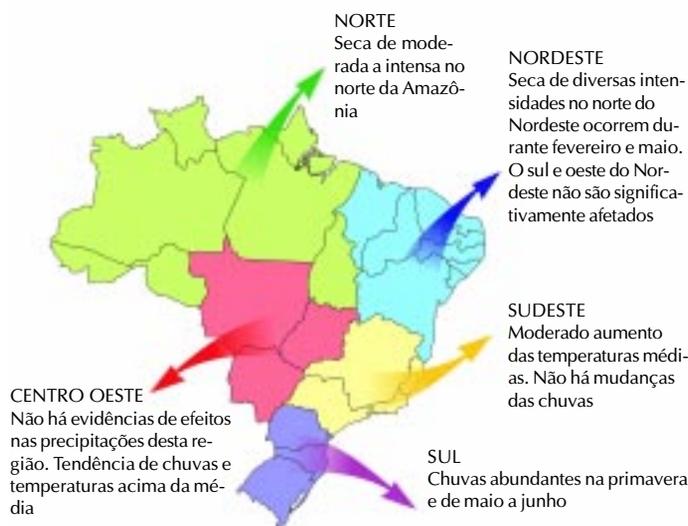


El Niño

Como o fenômeno atuará na produção dos hortifrutícolas

Desde o início de 2002, comenta-se no Brasil, a possível ocorrência do chamado Efeito El Niño, um fenômeno climático ainda parcialmente esclarecido por técnicos de todo o mundo. A previsão chamou a atenção de grande parte dos produtores rurais, que conhecem como ninguém a importância do clima na atividade agrícola.

Segundo definição do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), o El Niño é caracterizado por um super aquecimento das águas do Oceano Pacífico, que eleva o calor e o vapor d'água na atmosfera sobre as águas quentes do próprio oceano. Este fenômeno altera a



Fonte: Inpe

circulação atmosférica e a precipitação em todo o mundo, ou seja, provoca mudanças nas condições meteorológicas

e climáticas de várias partes do globo.

No Brasil, o El Niño afeta principalmente as regiões do

semi-árido do Nordeste, norte e leste da Amazônia e o Sul do país, assim como regiões vizinhas. De modo geral, ele resulta no aumento das chuvas no Sul durante a primavera e outono, diminuição das precipitações no nordeste e norte da Amazônia, principalmente entre fevereiro e maio, bem como na elevação das temperaturas do Sudeste, tornando o inverno mais ameno.

Em março, o Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos (CPTEC), do Inpe, confirmou que o fenômeno El Niño já se iniciou, devendo se intensificar no segundo semestre

EL NIÑO NÃO INFLUENCIOU CHUVAS NO INÍCIO DO ANO

Em 2001, quando agricultores de todo o Brasil foram prejudicados pelas medidas de racionamento, não foram detectados efeitos do El Niño - o problema foi atribuído à falta de precipitações, principalmente no Sudeste e Nordeste (o mês de janeiro de 2001 foi o segundo mês mais seco dos últimos 40 anos) e à falta de planejamento do governo. No mesmo ano, em um cenário de seca e impossibilidade de irrigação adequada em função do racionamento, houve também uma redução na produção de alguns hortifrutícolas.

Em contrapartida, o início de 2002 trouxe abundância de chuvas, até mesmo no Nordeste, onde os reservatórios hídricos atingiram cerca de 600 mm, ante o acumulado de 4,8 mm registrado pela Codevasf (Coordenadoria de Desenvolvimento do Vale do São

Francisco) no mesmo período do ano passado.

As inesperadas precipitações surpreenderam o maior pólo produtor de frutas do país, principalmente porque algumas culturas, como a uva e o melão, são extremamente sensíveis às chuvas. Em janeiro, a seqüência de dez dias chuvosos dificultou a operação de poda das parreiras e comprometeu a safra da uva, que segundo os produtores locais, pode ser reduzida em até 20%. Já para a manga, que estava na entressafra em janeiro no Nordeste, as chuvas podem ter prejudicado a indução floral dos pomares. No Rio Grande do Norte, prejudicaram as exportações do melão, que não atingiram qualidade ideal para as vendas externas.

O elevado volume de chuva também atingiu o Sudeste - em

São Paulo, o mercado da batata ficou conturbado com o desabastecimento temporário do tubérculo. A qualidade do tomate ofertado nos principais postos de comercialização ficou comprometida, já que a chuva mancha o produto - em plena safra no sul paulista. A produção de manga em Monte Alto (SP) e de uva, em São Miguel do Arcanjo (SP), também foram afetadas - houve depreciação das frutas com o aparecimento de podridões. Os custos para evitar o aparecimento de outras doenças elevaram-se e preocuparam o setor. A maturação da lima ácida tahiti, em São Paulo, acabou acelerando com o excesso de chuva e elevadas temperaturas nas regiões produtoras, antecipando em quase um mês o fim da colheita. Além disso, a elevada umidade acabou prejudican-

do a florada de março do tahiti, prejudicando a oferta (já normalmente menor) no segundo semestre.

Não foi só no campo que a comercialização dos hortifrutícolas ficou comprometida. Estradas rurais ficaram intransitáveis e a malha viária federal, estadual e municipal sofreu com queda de barreiras, excesso de buracos no asfalto e outros defeitos que dificultam a logística de escoamento da produção.

De modo geral, as excessivas chuvas em quase todo o país durante janeiro de 2002 foram prejudiciais à produção e escoamento dos hortifrutis em importantes regiões do setor, por outro lado, as precipitações permitiram o fim do racionamento e a redução nos gastos com a irrigação.

Efeito do El Niño nos Hortifrutícolas

Produto	Efeitos na cultura
Tomate	Em São Paulo e Minas Gerais, principal pólo produtor da cultura, o El Niño pode acelerar a maturação do tomate com as elevadas temperaturas em época de colheita, a partir de abril – a qualidade e comercialização podem ser prejudicadas. Já no Sul do país, na importante região produtora de Caçador (SC), chuvas excessivas poderão comprometer a oferta (dificultando a colheita) e a qualidade do produto (manchando o fruto) no fim do ano, quando a região começa a colher.
Batata	Em São Paulo e Minas Gerais, principal pólo produtor da cultura, o El Niño poderá depreciar a qualidade da batata, já que temperaturas elevadas escurecem a pele do tubérculo. Além disso, os produtores poderão observar um maior ataque de pragas (larva do alfinete). Na safra de inverno, contudo, o efeito pode ser positivo – o risco de perdas com a geada deve diminuir. No Sul do país, o excesso de chuvas pode provocar atraso no plantio da safra da seca e das águas. As lavouras estarão sujeitas a ataques de doenças (requeima, pinta-preta, canela-preta e outros) e os tubérculos, se expostos ao sol, poderão “esverdear” no período da colheita, dada a grande probabilidade de ocorrência de erosão laminar na terra amontoada. Com as chuvas no período da safra, os produtores terão que enfrentar interrupção temporária na colheita.
Melão	Os efeitos do El Niño poderão ser sentidos em Mossoró (RN), principal região produtora de melão no Brasil. O período previsto de maior estiagem coincidirá com o pico de produção. Contudo, como a região dispõe de irrigação, o impacto só ocorreria se a queda nos reservatórios limitasse a irrigação durante o ciclo da cultura, sendo que a mesma apresenta alta sensibilidade ao stress hídrico. A falta de irrigação prejudicaria a qualidade do fruto (redução de tamanho e menor concentração de açúcar).
Cebola	As regiões de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, importantes produtoras de cebola, poderiam ser as mais prejudicadas por um aumento do volume de chuva durante o ciclo da cultura (julho a novembro), causando uma redução na qualidade e na produção do produto. Já em São Paulo e em Minas Gerais, principais produtoras da cultura, a previsão de elevação das temperaturas poderia acelerar a maturação do produto. No Nordeste, o efeito seria mínimo, já que a estiagem, caso limite a irrigação, seria mais severa no final do segundo semestre, período final da colheita.
Manga	No Nordeste, o período de colheita da manga voltada à exportação concentra-se no meio do ano, principalmente em agosto. A projeção é que neste período os reservatórios pouco afetarão a disponibilidade de água para irrigação, diminuindo os impactos do El Niño na cultura. Em São Paulo, as elevações das temperaturas também pouco afetarão o desenvolvimento das floradas, que ocorre em junho, em função da sua baixa sensibilidade a variações de temperaturas.
Mamão	O fenômeno traria pouco impacto para as principais regiões produtoras de mamão. Na região de Linhares (ES), maior produtor de mamão do país, apesar da cultura poder entrar num período de estiagem, a previsão é que o nível dos reservatórios seja suficiente para manter as irrigações. Nas demais regiões, que se localizam no sul e oeste da Bahia, a previsão é de um efeito menos severo do El Niño. Nestas regiões, o nível de reservatórios provavelmente também seria suficiente para manter as irrigações da cultura.
Banana	No Vale do Ribeira (SP), principal pólo produtor nacional, o impacto é pequeno já que coincide com o período da colheita. Temperaturas mais elevadas no período podem acelerar a maturação. O impacto nas regiões produtoras do nordeste e norte de Minas Gerais, principalmente em Janaúba, está relacionado com o nível dos reservatórios durante a estiagem. Ambas as regiões dependem da irrigação para produzir o produto. Uma limitação no uso dessa técnica pode afetar o volume de produção. No norte de Santa Catarina, a terceira maior região produtora de bananas do país, o efeito pode trazer tempestades em plena época de produção (maio-outubro) - os ventos podem derrubar as plantas. Além disso, se os bananais estiverem ensacados, pode haver acúmulo de água nos frutos, podendo resultar em apodrecimento.
Citros	Na citricultura paulista, a maior do mundo, o El Niño deve acelerar a maturação dos cítricos, antecipando a entrada da safra, que normalmente acontece no final de maio ou início de junho. O destaque seria para a tangerina poncã - elevadas temperaturas poderiam acelerar sua maturação, dificultando a manutenção da fruta na árvore. Dependendo da elevação da temperatura, o desenvolvimento das floradas na primavera (setembro) também poderia ser prejudicado, causando abortamento do fruto.
Uva	As regiões produtoras de uva localizadas ao norte do Nordeste, próximas à bacia do baixo São Francisco, seriam as mais afetadas pelo fenômeno, segundo previsões. A falta de água para irrigação seria o maior prejuízo, caso a estiagem provocada pelo El Niño seja severa. Uma redução na prática da irrigação prejudicaria a produção da uva voltada à exportação no final do ano, podendo não atingir a qualidade ideal para exportar, reduzindo a participação no mercado externo e aumentando a oferta no interno. No Paraná, a previsão de chuvas intensas no inverno poderá afetar a qualidade do fruto na colheita. Em Jales (SP), ao contrário, a previsão de um clima mais ameno seria favorável à produção.

* As análises estão sujeitas à alteração conforme a intensidade do fenômeno previsto para 2002.

do ano. O setor hortifrutícola deve estar atento às previsões de chuvas abaixo da média no Nordeste, calor excessivo no Sudeste e chuvas abundantes no Sul do país. Especialistas também prevêem um efeito “brando” neste ano, com menores prejuízos que os verificados em 1997, quando o aquecimento do pacífico chegou a 5°C. A projeção dos meteorologistas é que um efeito mais forte volte a ocorrer em 2004.

Apesar das previsões não serem similares a 1997, o fenômeno sugere cautela aos produtores, que devem acompanhar as previsões, principalmente no segundo semestre. Esse acompanhamento melhora o planejamento na produção e comercialização das frutas e legumes, afastando surpresas desagradáveis relacionadas ao clima, como ocorreu no início de 2002, com o excesso de chuvas e, no ano passado, período de severa estiagem (ver box).

O El Niño será significativo para os hortifrutícolas se a falta de chuva reduzir muito a disponibilidade de água para irrigação no Nordeste - indispensável para a fruticultura da região, principalmente no norte. Em São Paulo e Minas Gerais, o calor excessivo pode acelerar a maturação das culturas, podendo prejudicar o desenvolvimento das floradas na primavera. Já no Sul, chuvas excessivas podem afetar a qualidade de alguns cultivares, aumentando a incidência de doenças.

Por Ana Júlia Vidal,
Mateus Holtz C. Barros e
Equipe Hortifruti

Maiores informações, consulte:
CPTEC/INPE (www.cptec.inpe.br),
CNN (www1.cnn.com/elniño), o
Cepea continuará analisando o
impacto nos hortifrutícolas em 2002
na sua home page.